

ARTE E ESPIRITUALIDADE NO CONJUNTO BASILICAL DE ASSIS - ITÁLIA

ART AND SPIRITUALITY IN BASILICA SET OF ASSISI - ITALY

Elsbeth Léia Spode Becker¹

RESUMO

O Conjunto Basilical de Assis é conhecido em todo o mundo pela admirável simbiose entre arquitetura e pintura que emanam uma espiritualidade única graças à presença de Francisco e sua história. Neste artigo objetivou-se apresentar alguns aspectos do Conjunto Basilical de Assis e descrever a arte e a espiritualidade, destacando parte da Basílica Inferior e Superior, e alguns de seus afrescos e alegorias. A metodologia está embasada na perspectiva da pesquisa qualitativa e a principal referência é a história de Francisco. Infere-se que, em Assis, a espiritualidade cristã constitui um horizonte de paz emoldurado pela sensibilidade franciscana, que é uma maneira original de viver a cristandade. O ser franciscano é um jeito de viver, uma forma de situar-se no mundo, diante de Deus e dos homens, uma maneira de relacionar-se com toda a realidade, as pessoas, todas as coisas da Criação e Deus.

Palavras-chave: Afrescos; Vitrais; Francisco de Assis.

ABSTRACT

The basilica set of Assisi is known throughout the world for wonderful symbiosis between architecture and painting that emanates a single spirituality through the presence of Francis and his story. This article aims to present some aspects of the basilica set of Assisi and describe the art and spirituality, highlighting part of the Lower and Superior Basilica, and some of its frescoes and allegories. The methodology is based on the perspective of qualitative research that relates the culture and spirituality as interaction between interpretation and experience in the building of the place. The main reference is the story of Francisco. It is inferred that in Assisi, Christian spirituality is a horizon of peace framed by the Franciscan sensitivity, which is an original way of living Christianity. The Franciscan wight is a way of being, a way of situating in the world, before God and men, a way to relate to all reality, the people, all the things of creation and God.

Keywords: *Frescoes; Stained Glass; Francis of Assisi.*

¹ Professora Adjunta na Área das Ciências Humanas - Centro Universitário Franciscano. E-mail: elsbeth.geo@gmail.com

INTRODUÇÃO

Assis é uma pequena e fascinante cidade situada no coração da Úmbria, uma região no centro da Itália e da península Itálica, na encosta oeste do Monte Subásio, na Cordilheira dos Apeninos. A origem do nome, Assis, tem base imaginativa e, segundo a imaginação lendária, foi construída por Asio, irmão da rainha de Tróia. A documentação histórica sobre a origem da cidade é reduzida, mas grande parte dos estudiosos acreditam que o nome deriva de “açu”, que significa “levante”, por Assis ter sido uma cidade nascente e próspera no comércio, entre a região da Perúgia e o Oriente. Dante², porém, inseriu Assis em outro significado e considerou, em diversos escritos, que o nome deriva do vocabulário latino “ascender” devido à grande luminosidade que a cidade emana graças a figura de São Francisco (DUBY, 1978).

Na encosta do Monte Subásio, disposta em socacos³ e construída em pedra, a cidade apresenta-se como uma visão de paz, quando banhada pela clara luz do céu da Úmbria. Na estação do inverno, a visão idílica transforma-se e ganha os contornos da arquitetura envolta no branco da paz, coroada com flocos de neve que se alinham suavemente nas dobradiças e nos telhados seculares. As construções medievais estão por toda parte e resguardam vivos e intactos os lugares do saber medieval e humanístico. Este aspecto é ainda mais valorizado pela harmoniosa relação com uma paisagem doce e meditativa, onde as “pegadas” dos franciscanos conduzem por caminhos antigos, de arquitetura fascinante e de paz espiritual.

A paisagem de Assis, portanto, é fascinante pela arquitetura adaptada à vida, pela urbanização, pelos seus santuários, pelas pinturas dos grandes mestres do século XIII e XIV, entre eles Cimabue⁴ e Giotto⁵. O fascínio, além do mais, traduz-se numa singela experiência de vida, porque a cidade é um local de paz, um oásis para o espírito, um local onde é possível recuperar a calma da consciência, um espaço sagrado para uma estadia serena de modo a sentir o renascer em si próprio, muitas vezes, consumido na vida cotidiana e, assim, encontrar, novamente, o suplemento espiritual que nos reponha de novo no caminho justo.

Sem dúvida, a localização geográfica no desembocar dos vales fluviais e de estradas de ligação, a proximidade soberana da montanha, a arquitetura imponente e harmoniosa e o proeminente papel religioso desenvolvido em diversos âmbitos a nível mundial, colocam Assis além do tempo e do espaço, constituindo-a numa realidade de hospitalidade diante das vicissitudes do mundo moderno, com um clima ideal para a recuperação dos valores espirituais.

Para quem chega a Assis⁶, vislumbra essa paisagem e se sensibiliza com a atmosfera de paz e espiritualidade reinantes na cidade. Na primeira visão da cidade têm-se o conjunto do Sacro Convento de Assis (Figura 1), do edifício basilical da Praça Inferior, circundada de pórticos que convidam para a entrada no lar de um dos mais venerados santos do cristianismo católico e respeitado pelas diferentes

² Dante Alighieri (1265-1321), poeta, literário e político italiano.

³ Colina. No relevo de encostas é uma espécie de plataforma, de espaço em espaço, formando degraus.

⁴ Giovanni Cimabue (1240-1302). Pintor e criador de mosaicos inspirados na tradição bizantina.

⁵ Giotto di Bondone (1267-1337). Arquiteto e pintor com influência Renascentista.

⁶ Descrição baseada em experiência de peregrinação ao local, em fevereiro de 2013.

religiões existentes no mundo. Nas palavras de Tomás de Celano⁷, Francisco realizava em si a mudança que queria para o mundo e “vivia em harmonia com tudo e com todos, adaptando-se de forma oportuna e sábia aos costumes de cada um. Verdadeiramente o mais santo entre todos os santos, e entre os pecadores, como um deles” (GIANDOMENICO, s/d, p.16).

Figura 1 - Vista parcial de Assis com videiras na área plana e no socorro o conjunto do Sacro Convento de Assis com a imponente arquitetura de sustentação de arcadas que remontam a século XV.



Fonte: GIANDOMENICO, N. (s/d).

A cidade de Assis mantém o estilo medieval e a espiritualidade contida na história de Francisco. A arquitetura e a arte do conjunto do Sacro Convento de Assis, que inclui a Basílica de Francisco de Assis e em seu interior uma exposição permanente das pinturas da Renascença, além da arca que contém o túmulo do santo, são um convite à concentração para o encontro com São Francisco e sua utopia⁸ de vida.

Neste artigo objetivou-se apresentar alguns aspectos do Conjunto Basilical de Assis e descrever a arte e a espiritualidade, destacando parte da Basílica Inferior e Superior e algumas cenas e descrições.

METODOLOGIA

A metodologia está embasada na perspectiva da pesquisa qualitativa, que relaciona a cultura e a espiritualidade como interação entre a interpretação e a experiência na construção da identidade do lugar. A principal referência é a história de Francisco. Ela faz menção a inúmeros gestos, situações, lugares e fatos que estão, de certa forma, representados na espiritualidade e nas pinturas na Igreja de São Francisco, em Assis.

⁷ Amigo, seguidor e primeiro biógrafo de Francisco (1200-1265)

⁸ Utopia consiste na ideia de idealizar não apenas um lugar, mas uma vida, um futuro, ou qualquer outro tipo de coisa, numa visão transcendente e normalmente contrária ao mundo real.

O CONJUNTO BASILICAL DE ASSIS E A SIMBIOSE DA ARQUITETURA E DA ESPIRITUALIDADE

O Conjunto Basilical de Assis é uma obra da arquitetura, um memorial da arte, que abriga a cripta de Francisco, sua história e sua espiritualidade. Sua arquitetura representa uma homenagem a Francisco, que foi batizado com o nome de Giovanni di Pietro di Bernardone. Nasceu em 5 de julho de 1182 e faleceu em 3 de outubro de 1226, aos 44 anos. A biografia de Francisco é vasta, mas a fonte primitiva foi deixada pelo seu primeiro biógrafo e também amigo e seguidor Tomás de Celano (LEGENDA MAIOR DE SÃO BOAVENTURA). A trajetória de Francisco se firmou na Crístandade enquanto ainda era vivo e permanece inabalada até os dias atuais. Foi canonizado em 1228 (menos de dois anos após a sua morte) e é conhecido, no mundo inteiro, pela sua linguagem atual, humana e pelo seu apreço à natureza. É reconhecido como o patrono do meio ambiente, pelo seu amor e pelo cuidado incondicional que dedicou a plantas e animais em todas as suas expressões.

Os preparativos para a construção da Basílica começaram logo após a canonização de Francisco, em 1228, com a doação de um lote de terras, uma colina a oeste da cidade de Assis, zona íngreme e de bosques. O terreno foi doado por Simão de Pucciarello e o local era conhecido como Colina do Inferno, porque ali criminosos eram condenados e mortos. Após a doação, a construção de parte da Basílica e o traslado dos restos mortais de Francisco, em 1230, fizeram com que o local passasse a ser denominado de Colinas do Paraíso, pela presença do santo (GIANDOMENICO, s/d).

A pedra fundamental foi colocada pelo Papa Gregório IX, em 17 de Julho de 1228. A igreja foi projetada e a obra foi supervisionada pelo irmão Elia Bombardone, um dos primeiros seguidores do santo (GIANDOMENICO, s/d).

A Basílica Inferior foi terminada em 1230 e no dia de Pentecostes, em 25 de Maio, o corpo de Francisco foi trazido para o local. A construção da Basílica Superior começou em 1239 e foi finalizada em 1253. Desde então, todo o Conjunto Basilical de Assis é famoso em todo o mundo pela admirável arquitetura, uma síntese do Românico e do Gótico Italiano e a simbiose entre pintura e espiritualidade. Emanada, graças à presença e a história de vida de Francisco, uma atração espiritual única aliada à construção que obedece a critérios bem precisos. O arquiteto Frei Elias projetou uma arquitetura inédita e audaz, que obedece o relevo, íngreme e em socacos, e para isso desenhou, imediatamente uma igreja de dois pisos que se adaptavam à conformidade do terreno. Os pisos sobrepostos serviriam para conservar os restos mortais de São Francisco e seriam, para peregrinos de todo o mundo, um porto seguro de fé, um local ideal para a oração, e também uma ocasião para pesquisa e meditação (GIANDOMENICO, s/d). Não somente uma igreja conventual ou de abadia, mas uma igreja mausoléu e universal. A forma da igreja deveria assumir o estilo em “T” (Figura 2), a cruz, um símbolo caro para Francisco, o sinal bíblico da salvação.

Figura 2 - a) Conjunto arquitetônico da Basílica de São Francisco em Assis, Itália, evidenciando o formato em “T” (TAU), símbolo do franciscanismo, o sinal bíblico da salvação; b) TAU franciscano, em madeira, revela a horizontalidade e a verticalidade, o encontro entre céu e terra (eternidade). É a última letra do alfabeto hebraico e a décima nona letra do alfabeto grego. Em português, corresponde a letra “T”.

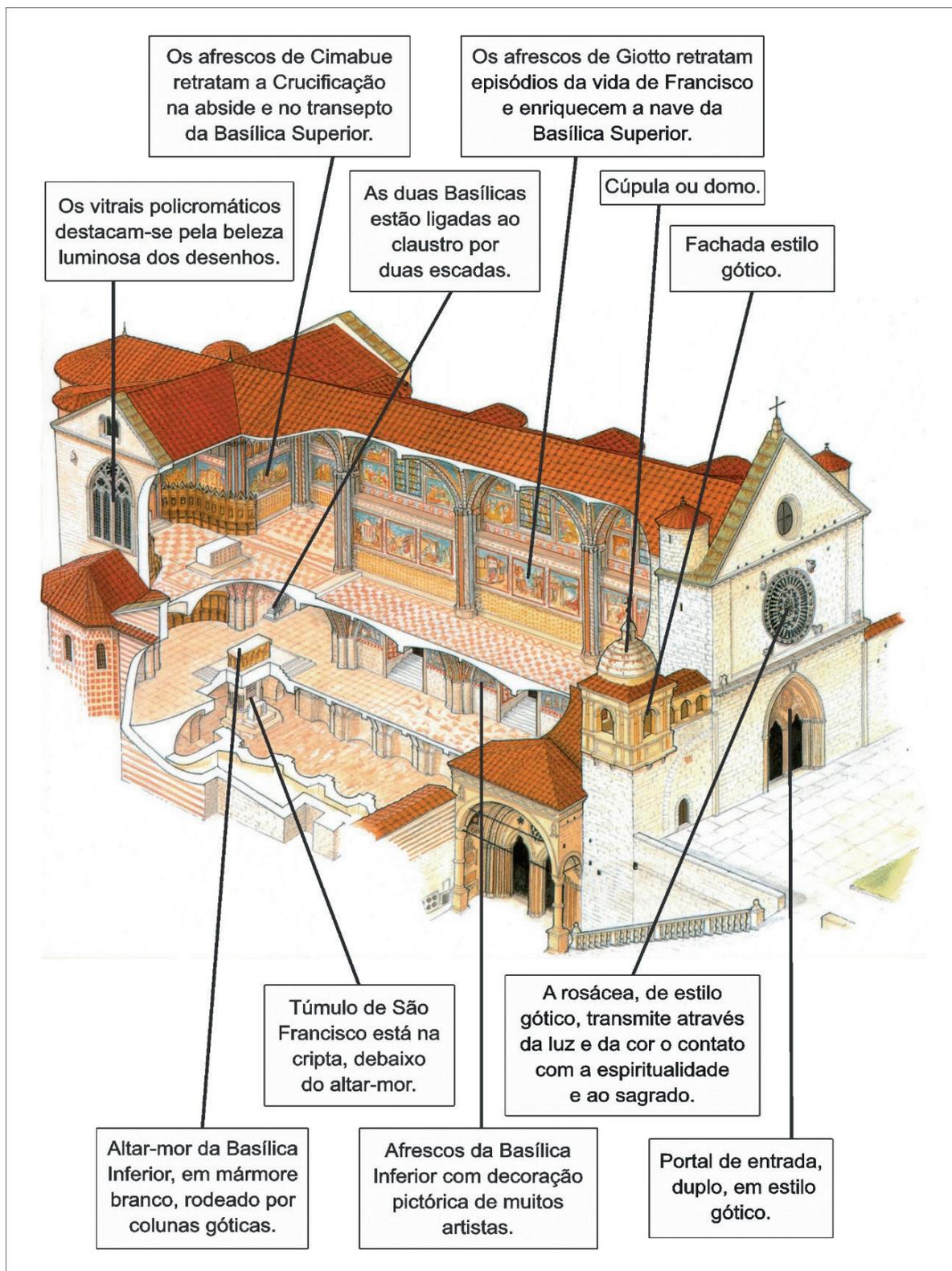


Fonte: GIANDOMENICO, N. (s/d). (Adaptado).

As Basílicas, Inferior e Superior, foram decoradas pelos maiores artistas daquele tempo, vindos de Roma, Toscana e Úmbria. Na arte do Conjunto Basílica encontram-se 92 imagens de São Francisco (65 afrescos, 16 em vidro, 6 em madeira, 2 em pedra e barro, 2 em mosaico e 1 em bronze). A Igreja Inferior tem afrescos de Cimabue e Giotto; na Igreja Superior está uma série de afrescos com cenas da vida de São Francisco, também atribuída a Giotto e seus seguidores (GIANDOMENICO, s/d).

O conjunto arquitetônico da Basílica de São Francisco em Assis e o destaque de alguns afrescos e alegorias, conforme mostrado na figura 4, são representações de arte e história, como, por exemplo, os vitrais policromáticos que se evidenciam pela beleza luminosa dos desenhos; os afrescos de Giotto que retratam episódios da vida de Francisco e enriquecem a nave da Basílica Superior; os afrescos de Cimabue que retratam a Crucificação na abside e no transepto da Basílica Superior; as duas escadas que ligam as duas Basílicas ao claustro; a fachada de estilo gótico; a cúpula ou domo; o túmulo de São Francisco, na cripta, debaixo do altar-mor; o altar-mor da Basílica Inferior, em mármore branco, rodeado por colunas góticas; os afrescos da Basílica Inferior com decoração pictórica de muitos artistas; o portal de entrada, duplo, em estilo gótico; a rosácea, de estilo gótico, que transmite através da luz e da cor o contato com a espiritualidade e ao sagrado (GIANDOMENICO, s/d).

Figura 4 - Conjunto arquitetônico da Basílica de São Francisco em Assis, Itália, e o destaque de alguns afrescos e alegorias.



Fonte: GIANDOMENICO, N. (s/d). (Adaptado).

A BASÍLICA INFERIOR E ALGUMAS DE SUAS IMAGENS E DESCRIÇÕES

A Basílica Inferior, cripta e fundação maciça de todo o edifício, destinada a acolher o sarcófago do santo, foi idealizada sóbria, imersa na penumbra, com uma arquitetura francamente românica (Figura 5).

Figura 5 - Vista a partir do pátio inferior, do lado sul, da entrada na Basílica de São Francisco, com o portal de entrada, duplo, da Basílica Inferior, em estilo gótico e caracterizada pelas decorações caligráficas dos arcos.

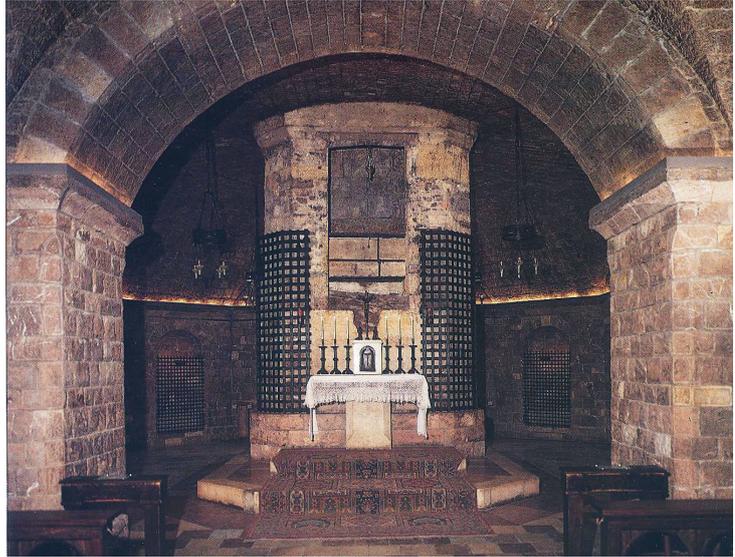


Fonte: GIANDOMENICO, N. (s/d).

A Basílica Inferior (Figura 5) é de uma única nave, dividida por arcos em pleno centro, em quatro arcadas com curvas cruzadas, fortemente reforçadas, que se apoiam sobre pilares curtos, semi-circulares e sem bases. Os braços do transepto, pelo contrário, têm curvas em semi-círculo e várias capelas laterais.

A nave principal conduz ao altar-mor que se encontra no centro sobre o túmulo de Francisco. O altar-mor é uma obra com 20 pequenas colunas góticas, com capitéis e pequenos arcos decorados em mosaicos. A mesa do altar é formada por uma única pedra de mármore. Pela nave se pode descer para a cripta através de uma escadaria dupla. Esse local, abaixo do altar-mor, que guarda o túmulo de Francisco, e a escadaria de ligação foi descoberta em 1818 e ficou decidido embelezar a cripta. A partir disso, o Conjunto Basilical passou a ter três pisos (GIANDOMENICO, s/d).

Os trabalhos de embelezamento da cripta começaram em 1822 sob o projeto de Pasqual Belli e terminaram em 1824. O resultado foi uma cripta neo-clássica que não agradou. Mais tarde, o projeto foi refeito e abaixo do altar-mor, o túmulo de Francisco (Figura 6), passou a ser uma cripta em estilo neo-românico, em pedra crua, simples e austera, projetada pelo arquiteto Hugo Tarchi, iniciada em 1926 e concluída em 1932. É, portanto, a parte do Conjunto Basilical que expõe a simplicidade e a naturalidade da intuição franciscana (GIANDOMENICO, s/d).

Figura 6 - Túmulo de Francisco na Basílica Inferior, em pedra crua simples e despojada.

Fonte: GIANDOMENICO, N. (s/d).

No segundo piso da Basílica Inferior, os afrescos tomam lugar nas paredes e no teto, numa profusão de arte e cor, retratando inúmeras narrações bíblicas, especialmente, da infância, da vida e da crucificação de Jesus.

Na parede do transepto direito, deve-se a Cimabue, uma das obras mais emblemáticas do franciscanismo, o retrato do ‘Pobre de Cristo’ (Figura 7). Este, provavelmente, é o retrato mais assemelhado à Francisco, correspondente à sua descrição física deixada por Celano

“[...] De estatura bastante pequena, cabeça regular e redonda, o rosto um pouco oval, testa plana e pequena, olhos negros, de medida normal e com simplicidade, cabelos escuros, sobrancelhas direitas, nariz normal, fino e direito, orelhas direitas mas pequenas, têmporas planas, língua suave, ardente e penetrante, voz robusta, doce e sonora, dentes unidos, iguais e brancos, lábios pequenos e finos, barba negra e rara, ombros direitos, mãos magras, dedos compridos, unhas salientes, pernas magras, pés pequenos, pele delicada; magro, vestes grosseiras, sono brevíssimo, mão generosíssima. Na sua incomparável humildade mostrava-se bom e compreensivo com todos, adaptando-se de forma oportuna e sábia aos costumes de cada um. Verdadeiramente o mais santo entre os santos, e entre os pecadores, como um deles” (GIANDOMENICO, p. 16).

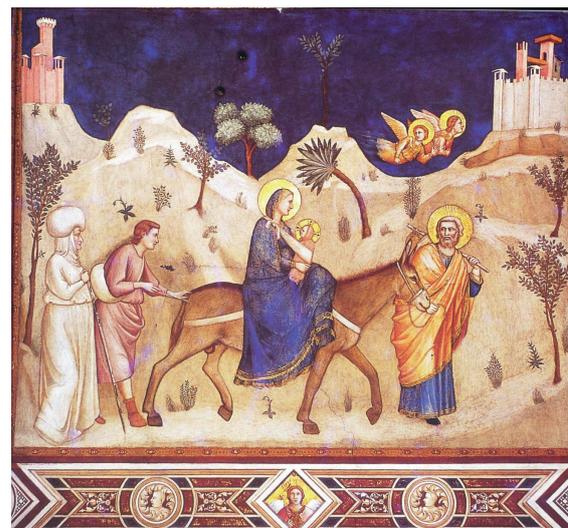
Figura 7 - ‘O Pobre de Cristo’, afresco de Cimabue, na parede do transepto à direita da Basílica Inferior.
Pintura estática em estilo gótico.



Fonte: (GIANDOMENICO, N. (s/d).

No braço direito do transepto encontra-se um vasto ciclo de afrescos de Giotto e seus alunos, dedicado ao tema da infância de Jesus. A Escola de Giotto seguiu a narração bíblica descrita nos Evangelhos canônicos. A pintura dos afrescos é viva e alegre. A cena da ‘Natividade’ (Figura 8a) é especialmente expressiva e a representação da ‘Fuga para o Egito’ (Figura 8b) é carregada de pequenos detalhes que avivam a cena.

Figura 8 - a) Cena da ‘Natividade’. b) Cena da ‘Fuga para o Egito’. Afrescos de Giotto e seus alunos, pintados por volta de 1310 no transepto direito da Basílica Inferior.



Fonte: (GIANDOMENICO, N. (s/d).

Na cena ‘Natividade’ (Figura 8a) a cabana está isolada de qualquer contexto urbano. Por detrás, a montanha alonga-se para o céu. A estrela desponta entre dois cumes. Os anjos têm funções diversas: sobre a cabana, cantando e louvando a Deus nas alturas; dos lados alguns falam aos pastores, outros sob a cabana adoram o Menino Jesus. O boi e o burro olham comovidos para Jesus; as ovelhas e os bodes parecem participar do acontecimento (uma característica de Francisco: a interação e o convívio para com todas as criaturas). José está pensativo. Maria, sentada, segura Jesus. O Menino é representado duas vezes: uma em pé sobre os joelhos da mãe, e a outra, em baixo, nos braços de uma mulher que lhe toca no nariz para o fazer sorrir, enquanto, em conjunto com uma outra mulher, se preparam para dar banho no Menino (SCHMIDT, 2007).

A cena ‘Fuga para o Egito’ (Figura 8b) é lírica, extensa, narrativa, com os personagens reduzidos ao essencial e com muitos pormenores que avivam toda a representação. A paisagem é áspera e inóspita. A natureza é representada em função dos personagens: os montes parecem inclinar-se em direção a quem passa; os arbustos e a palmeira dobram-se em direção a Jesus. José, com o semblante bastante cansado, um pouco curvo, vai à frente puxando o jumento e voltando-se para trás para olhar para Maria. Com a mão esquerda segura um pequeno bastão, sobre os ombros, no qual está pendurado o farnel. Maria, na garupa do jumento, segura o Menino, sustentado por uma faixa enrolada no pescoço, e parece pedir calma a José. Atrás, duas pessoas. O jovem parece empurrar o burro para acelerar o passo. No alto estão dois anjos: um olha para a frente e vasculha o horizonte com o olhar atento e o outro olha para trás, como que a temer a chegada de Herodes.

A célebre cena ‘Crucificação’ (Figura 9), realizada por Giotto na Basílica Inferior, contém embasamento bíblico e retrata o Cristo preso à cruz e Maria e os outros personagens a observar com emoção, conforme relatado nos Evangelhos: Mt 27, 55-56; Mc 15, 40-41; Lc 23, 49; Jo 19, 25-27 (BÍBLIA, 1993).

Figura 9 - Afresco “Crucificação”, de Giotto e seus aprendizes, na Igreja Inferior da Basílica de São Francisco, Assis.



Fonte: <http://bit.ly/1RxFD8h>

A cena mostra simetria e apelo emocional entre os anjos. Enquanto um anjo, ao lado esquerdo de Cristo, se incumba de coletar o sangue sagrado que jorra de seu flanco, o anjo correspondente deste, ao lado direito, rasga suas vestes expressando seu luto e sua dor. Mais do que se responsabilizar por coletar o sangue de Cristo, o que é praticado por três anjos, eles tem um papel fundamental na trama de profunda dor que envolve a cena. Na imagem, há algo que merece destaque no núcleo em torno de Cristo: a cruz tem a forma de um tau. A parte de cima do tau não é a sua continuação, apenas sustenta o letreiro. Um afresco buscava, por vezes, retratar a intenção e as aspirações de quem o encomendava. O tau em substituição à cruz clássica é, sem dúvida, uma inspiração franciscana. No flanco central da cena, à esquerda, Maria como centro de atenção dos personagens; ao centro o Cristo crucificado, em torno do qual gira toda a imagem; e à direita os franciscanos, os quais embora voltem sua atenção em Cristo, desenvolvem um papel à parte e particular, o que chama a atenção para os mesmos (SCHMIDT, 2007).

O transepto esquerdo foi decorado pelo pintor Pedro Lorenzetti e seus aprendizes, provavelmente entre 1315 e 1330. Os afrescos mostram cenas da 'Paixão de Cristo', sendo a mais impressionante a 'Descida da Cruz' (Figura 11). As cenas foram pintadas num fundo sem decoração. Os gestos são essenciais e altamente dramáticos e segundo os críticos, Pedro Lorenzetti pintou-os num dos melhores momentos de sua vida, sendo uma das mais altas expressões do gótico dramático da pintura italiana do século XIV (DUBY, 1978).

Figura 11 - Afresco 'Descida da Cruz', pintura de Pedro Lorenzetti e seus discípulos.



Fonte: (GIANDOMENICO, N. (s/d).

Na descrição, os aspectos que podem ser destacados é a cruz, em forma de “T”, que eleva-se “nua e crua” no vazio do fundo. O corpo inanimado do Salvador, deitado da cruz, tem os membros deslocados e contorcidos, com os braços pendentes, rodeado por sete pessoas que o suspendem e seguram com cuidado e carinho. Todos estão curvados sobre o corpo inerte do Cristo, para sustenta-lo e beijá-lo. O choro das mulheres exprime dor e, entre elas, Maria aproxima seu rosto desconsolado ao de Jesus. Abaixo, os três afrescos colocam em evidência cenas do afresco maior: o primeiro evidencia o ferimento de Jesus nos pés; o segundo aproxima o rosto de João, petrificado pela dor, que abraça o corpo de Cristo; no terceiro, um homem tira os pregos com tenazes (GIANDOMENICO, s/d).

A BASÍLICA SUPERIOR, SUA FACHADA, SEUS AFRESCOS E SEUS VITRAIS

O exterior da Basílica é muito simples, sem decorações, com elementos arquitetônicos reduzidos ao mínimo indispensável, como que a sublimar a simplicidade franciscana que funciona como porta de entrada para a riqueza artística e espiritual do interior.

A fachada apresenta elementos românicos na sua disposição e no rosão que domina, com extrema elegância, a parte central da fachada frontal. O belo portal duplo (figura 12), de estilo francês, é um exemplar gótico excelente e o resultado disso é um quadro arquitetônico de rara beleza, com linhas severas e equilibradas, em pedra branco-rosada do Monte Subásio, que representam primor, rusticidade e suavidade (Figura 13a).

Figura 12 - Portal de entrada da Basílica Superior, considerado de estilo francês, é um excelente exemplar gótico.



Fonte: Ana Karla Gomes (fotografia/cedida).

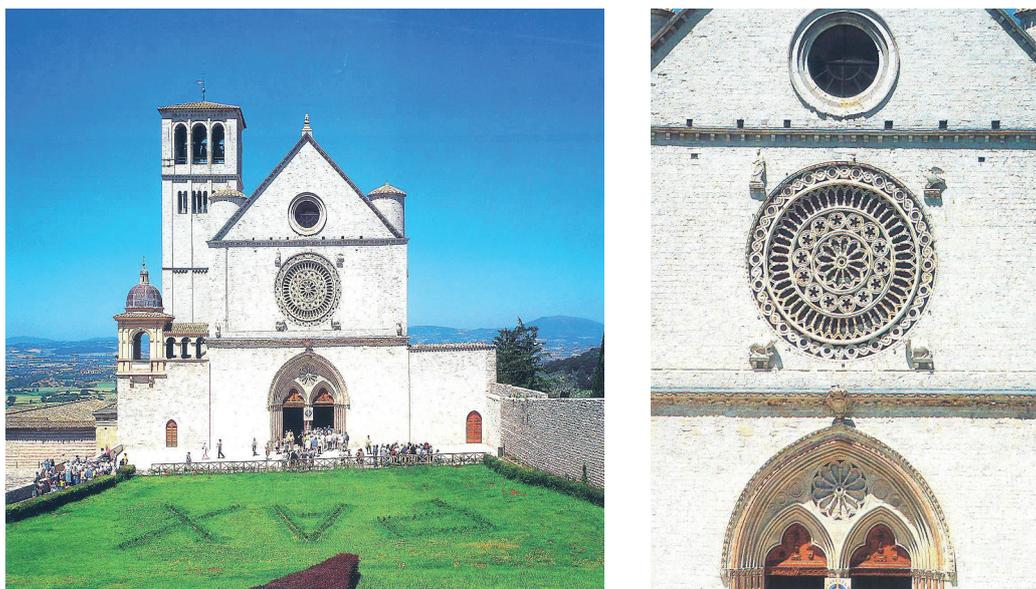
A fachada frontal é dividida em três partes: o plano inferior abre-se com um elegante portal duplo gótico voltado para oriente, suplantado por um arco ogival decorado, com um rosão cego (Figura 13a).

O plano médio, de forma retangular, separa-se do inferior por um ornamento rico de motivos florais e faunísticos que termina, nos extremos, com os símbolos de duas águias. Ao centro encontra-se o rosão, elegante e sofisticada obra dos Cosmati, composta por 116 pequenas colunas, caprichosamente revestidas de mosaicos. O rosão é guardado simbolicamente pelos quatro dos evangelistas, dispostos primo-

rosamente em forma quadrangular ao redor do rosão. Os apóstolos estão representados junto aos seus símbolos: o homem para Mateus, o vitelo para Lucas, o leão para Marcos e a águia para João (Figura 13b).

O plano superior, de forma triangular, termina num tímpano com uma alta cúpide e tem no centro um pequeno “olho” de luz.

Figura 13 - a) Vista da fachada simples mas harmoniosa da Basílica Superior; b) detalhes do portal, da requintada rosácea sobranceira e dos símbolos dos evangelistas que enquadram a mesma.



Fonte: (GIANDOMENICO, N. (s/d).

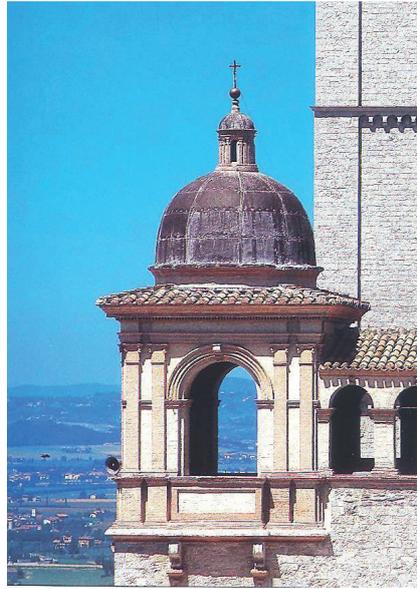
Os símbolos dos apóstolos são importantes alegorias para o imaginário cristão. Mateus é representado por um anjo ou homem alado porque inicia o seu evangelho com a genealogia de Jesus Cristo, mostrando a sua origem e descendência humanas, marcados pelo seu nascimento (Cf. Mt 1). É a dimensão da obra-prima de Deus que criou o homem à sua imagem e semelhança (WILGES, 1982).

Marcos inicia o seu Evangelho falando de João Batista, a voz que clama no deserto (Cf. Mc 1,1-25). Seu símbolo é um leão alado, representando as feras que habitam o deserto. É a dimensão da força, realeza, poder, autoridade do Filho de Deus (WILGES, 1982).

Um touro alado simboliza o evangelista Lucas. Ele inicia o seu Evangelho falando do Zacarias, sacerdote, cuja tarefa era oferecer sacrifícios no Templo de Jerusalém. O touro é a representação dos sacrifícios oferecidos (Cf. Lc 1,25). É a dimensão da oferta a Deus (WILGES, 1982).

João, dentre os quatro, é o maior teólogo e representado por uma águia, por causa do elevado estilo do seu Evangelho, que fala da Divindade e do Mistério altíssimo do Filho de Deus. Ele inicia seu Evangelho de cima para baixo: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus” (Cf. Jo 1,1-5). Daí a águia, por ser a ave que voa mais alto e faz os seus ninhos nos montes mais elevados. É a dimensão da liberdade do Filho de Deus diante das forças deste mundo (WILGES, 1982).

Do lado esquerdo da fachada destaca-se uma ala com um pórtico elevado, chamada “Pórtico das Benções”, construída por Valentino Martelli, em 1607. Termina com uma torre encimada por uma cúpula hemisférica (Figura 14).

Figura 14 - Torre encimada por uma cúpula hemisférica, ao lado esquerdo da fachada do Conjunto Basilical Superior.

Fonte: (GIANDOMENICO, N. (s/d).

Ao atravessar o portal, enfim, entra-se na Basílica Superior e diferentes sensações invadem o corpo e a alma de cada espectador ou peregrino. Esta parte é mais luminosa, espaçosa e expande expressões de alegria e de graça. Neste lugar, o gótico transalpino encontrou sua expressão máxima, corretamente definida por Venturi⁹ “a mais bela casa de oração” e por Schlosser¹⁰ “o típico exemplar do gótico italiano”.

O interior, de uma nave só, dividido em quatro arcadas, surge alto, luminoso, e ligeiro. Sutis e elegantes feixes de colunas abraçadas às paredes partem para o alto formando arcos agudos, por vezes, com nervuras. A luz entra através das amplas bíforas, que enquadram estupendos e grandes vitrais do rosão e outros, dando alegria e serenidade ao ambiente. Estes grandes vitrais coloridos banham com luz as inúmeras obras de Giotto, Cimbaue e todos os demais que compuseram os afrescos interiores. Como levava cerca de seis meses para que se pintasse apenas uma parte da nave, diferentes artistas romanos e toscanos, seguidores de Giotto e Cimabue, trabalharam os afrescos que integram toda a arte da Basílica em seu conjunto.

Mas a obra mais importante da Basílica é, sem dúvida, a série de 28 afrescos atribuídos a Giotto na parte baixa da nave da Basílica Superior (Figura 4). Giotto usou a Legenda Maior¹¹ de São Boaventura, a biografia de Francisco, para reconstruir os maiores eventos da vida do santo. As pinturas são vívidas, como se Giotto tivesse sido uma testemunha ocular da história. Os afrescos foram executados entre 1296 e 1304. Contudo, a autoria da obra não é de Giotto sozinho. Alguns críticos acreditam que a série tenha sido feita por Giotto e seus discípulos e por um grupo de artistas inspirados em Giotto (DUBY, 1978).

⁹ Lionello Venturi (1885-1961).

¹⁰ Julius von Schlosser (1866-1938).

¹¹ Para aprofundar a leitura - disponível em <http://bit.ly/1TJmHCV>

A visão de Boaventura¹² acerca da fé e da interpretação da vida do “Pobre de Cristo”, é representada numa tripla dimensão: o amor a Deus, o amor ao homem e o amor às criaturas. Esta temática tríplice faz fundo aos afrescos e que apresenta Francisco em vários episódios de sua vida. A imagem de Francisco é a de uma pessoa vigorosa, decidida, simples no vestir, amante do Criador e das Criaturas, participativo no trabalho e na reflexão sobre as coisas, aberto a Deus e à Sua presença na história dos homens (VAUCHEZ, 1995).

OS VITRAIS E SUA EXPRESSÃO EM HISTÓRIA, BELEZA E CORES

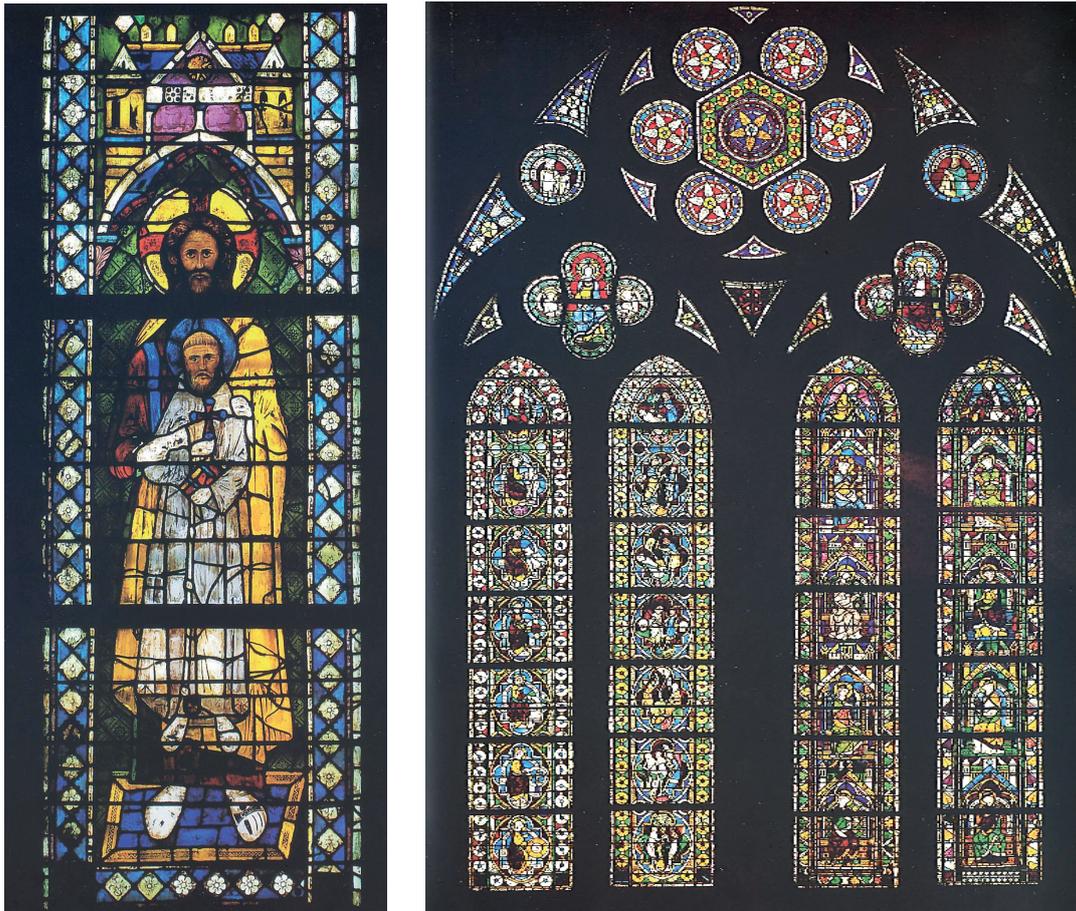
Os vitrais das Basílicas atingem o ápice de um espetáculo grandioso com a luminosidade que se filtra através dos vidros coloridos que formatam as obras realizadas por várias mãos e nacionalidades, como alemães, franceses e italianos. As 28 janelas originais constituem a “summa vitraria” dos séculos XIII e XIV e são relíquias de beleza e importância histórica. Consideradas as mais antigas da Itália tem a assinatura dos maiores mestres da época como Cimabue e Giotto, e é a mais completa na variedade de cores e de técnicas usadas. Os vitrais irradiam e levam ao interior a luz natural, mas maravilhosamente transformada através de um jogo de cores e sentidos.

Os primeiros a serem executados foram os vitrais da abside da Basílica Superior, em meados do século XIII. Seguiram-se depois todos os demais que compõem a nave. Os da Basílica Inferior remontam ao princípio do século XIV em diante (DUBY, 1978).

Os temas representados são bíblicos (Antigo e Novo Testamento) ou figuras de santos. Um dos vitrais de grande expressividade e beleza é o policromático que ilustra Jesus Cristo e Francisco (Figura 15a) e a visão do conjunto do vitral do transepto sul da Basílica Superior (Figura 15b).

Figura 15 - Os vitrais policromáticos. a) o vitral pormenor de Jesus Cristo e Francisco;
b) no conjunto do transepto sul da Basílica Superior.

12 Boaventura (1221-1274). Teólogo franciscano.



Fonte: (GIANDOMENICO, N. (s/d).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Conjunto Basilical de Assis ajuda-nos a entrar na história escrita por Deus, vivenciada por Francisco, em Assis. Os afrescos e os vitrais medievais no interior da Basílica Inferior e Superior não são e não podem ser pensadas somente como representações, mas implicam no reconhecimento de uma força esperada e na esperança de que um outro mundo é possível. Acrescente-se ainda que os afrescos nas paredes, imóveis, podem ter função de memória ou mesmo funções didáticas. As imagens ilustram a história de Jesus Cristo para a memória de todas as pessoas sensíveis.

A Basílica Franciscana foi o primeiro grande investimento na construção da imagem de Francisco e para isto foi utilizada a versão na *Legenda Maior de Boaventura* para a criação e identificação das imagens, principalmente aquelas que se referem ao ciclo da vida de Francisco, também executada por Giotto para a Igreja Superior. A Igreja Inferior tem grande significado por abrigar o túmulo do santo de Assis.

Em Assis, a espiritualidade cristã constitui um horizonte de paz emoldurado pela sensibilidade franciscana, que é uma maneira original de viver a cristandade. O ser franciscano é um jeito de ser, um modo específico de pensar, de viver e de colocar em prática o Evangelho de Jesus Cristo. Uma forma de situar-se no mundo, diante de Deus e dos homens, uma maneira de relacionar-se com toda a realidade, as pessoas, todas as coisas da Criação e Deus.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. 1993. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. 2. ed. ver. e atual no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

DUBY, G. **O Tempo das Catedrais**: a arte e a sociedade 980-1420. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

DUBY, G. **As três ordens ou o imaginário do feudalismo**. Lisboa: Estampa, 2002.

GIANDOMENICO, N. **Arte e História**. Assis. Florença (Itália): Bonechi, s/d.

LEGENDA MAIOR DE SÃO BOAVENTURA. Introdução: Frei David de Azevedo, OFM; Tradução: Frei José Maria da Fonseca Guimarães, OFM. Disponível em: <<http://bit.ly/1UBXfPI>>. Acesso em 30/08/2015.

SCHMITT, J. C. **O Corpo das Imagens**: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

TOMAS DE CELANO. **Tratado dos Milagres**. Introdução: Frei David de Azevedo,

OFM; Tradução: Frei José Maria da Fonseca Guimarães, OFM. Disponível em: <bit.ly/1K27KGw>. Acesso em 12/12/2015.

VAUCHEZ, A. **A Espiritualidade na Idade Média Ocidental**. Séculos VIII a XIII. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

WILGES, I. **Cultura religiosa**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1982.

